

## SEGUNDO RELATÓRIO SEMESTRAL (FINAL) REF. ABRIL A SETEMBRO DE 2008

**Número do Processo FAPESP:** 07/05579-9

**Orientadora:** Adriana Zavaglia

**Bolsista de IC:** Carolina Fernandes Madruga

### 1. Resumo do plano inicial e das etapas já descritas em relatórios anteriores

#### 1.1 Resumo do plano inicial

O plano inicial do projeto de pesquisa de iniciação científica “A observação de lexias candidatas a marcadores culturais e de suas traduções para o francês: delimitações e aplicações” contava com a observação e o estudo de marcadores culturais em obras regionalistas brasileiras e suas traduções para o francês. Nossos principais objetivos eram buscar alguns critérios de delimitação desses marcadores e elaborar um pequeno glossário bilíngüe com definições e exemplificações em português brasileiro e em francês da França.

Nosso material de pesquisa constituiu-se de um *corpus* paralelo culturalmente marcado (CCM), composto de quatro obras literárias regionalistas brasileiras e de suas respectivas traduções para o francês (*Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Sagarana*, de João Guimarães Rosa; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *Tereza Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado; *Macounaíma* e *Sagarana*, ambos traduzidos por Jacques Thiériot; *Hautes Terres: la Guerre de Canudos*, tradução de Jorge Coli & Antoine Seel; *Tereza Batista*, traduzido por Alice Raillard); um *corpus* de referência, o *Lácio-Ref*, do Projeto *Lácio-Web*, acessível na internet; o programa WordSmith Tools, disponibilizado pelo Projeto COMET-USP, coordenado pela Profa. Dra. Stella Tagnin; dicionários e glossários das duas línguas.

De acordo com o projeto, inicialmente selecionaríamos no CCM uma lista de lexias candidatas a marcadores culturais em português. Em seguida, observaríamos as lexias em seus diferentes contextos no original e partiríamos para a verificação de suas diferentes traduções, de modo a perceber o contato das duas línguas envolvidas e tentar entender as estratégias utilizadas pelos tradutores. Finalmente construiríamos as definições e selecionaríamos os exemplos que constariam em nosso glossário, disponibilizando-o, posteriormente, na internet.

#### 1.2 Resumo das etapas já descritas em relatórios anteriores

A primeira etapa de nosso projeto (referente ao período de outubro de 2007 a janeiro de 2008) consistiu em um levantamento bibliográfico de obras relacionadas ao assunto de nossa pesquisa em busca de um maior embasamento teórico. Trabalhamos com a tese de Corrêa (1998)<sup>1</sup>, diversas

---

<sup>1</sup> CORRÊA, R. H. M. A. Barreiras culturais da tradução: um estudo de obras de Jorge Amado traduzidas para o inglês. (Tese de Doutorado). USP. São Paulo, 1998.

obras e artigos de Aubert (1998 e 2006)<sup>2</sup>, Tagnin (1988, 1989 e 2002)<sup>3</sup>, Arrojo (1986a, 1986b)<sup>4</sup>, Azenha Junior (1999)<sup>5</sup>, Barbosa (1990)<sup>6</sup>, Bassnett-Mc Guire (1978)<sup>7</sup>, Steiner (1975)<sup>8</sup>, Biderman (1978)<sup>9</sup>, Borba (2003)<sup>10</sup>, Martins (2001)<sup>11</sup>, Berber Sardinha (2004)<sup>12</sup>, Laraia (2005)<sup>13</sup>, Tomasello (2003)<sup>14</sup>, Mattelart & Neveu (2004)<sup>15</sup>, Zavaglia (2006)<sup>16</sup> e Baker (1998)<sup>17</sup>.

Durante o período destinado à segunda etapa (novembro de 2007 a fevereiro de 2008), utilizando o programa *WordSmith Tools*, elaboramos listas com o número total de ocorrências das palavras de cada obra do nosso *corpus* em português (*wordlists*). Em seguida, classificamos as ocorrências das *wordlists* de cada obra em domínios culturais segundo a proposta de Nida (1945) reformulada por Aubert (1985)<sup>18</sup>. Obtivemos nessa etapa quatro listas. Por meio de outra ferramenta do programa, produzimos quatro listas de palavras-chave (*keywords*), uma para cada obra, usando o CCM como *corpus* de estudo e o *Lácio-Ref* como *corpus* de referência. Feito isso, comparamos os resultados das *wordlists* e *keywords* de cada obra e, durante essa comparação, extraímos as ocorrências comuns, ou seja, aquelas que apareciam tanto nas *wordlists* quanto nas *keywords*. Essas ocorrências comuns compuseram uma nova lista, a qual tomamos como nossa lista inicial de candidatos a marcadores culturais (alguns exemplos foram apresentados no relatório anterior).

Na fase correspondente à terceira etapa (dezembro de 2007 a fevereiro de 2008), com base em nossa lista inicial de candidatos a marcadores culturais, realizamos a consulta a obras lexicográficas monolíngües do português. Vale lembrar que o tempo planejado inicialmente para o desenvolvimento dessa etapa não foi suficiente para a sua realização, o que

<sup>2</sup> AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. In: TradTerm 5.1. São Paulo, CITRAT/FFLCH/USP.1998 ; \_\_\_\_\_. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida - revendo a ferramenta de análise. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 9, p. 60-69, 2006.

<sup>3</sup> TAGNIN, S. E. O. A Tradução dos Idiomatismos Culturais. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas, n. 11, p. 43-52, jan/jun 1988. ; \_\_\_\_\_. Expressões idiomáticas e convencionais. São Paulo: Editora Ática, 1989. ; \_\_\_\_\_. Os corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, n.9, p. 191-219, 2002.

<sup>4</sup> ARROJO, R. O. Oficina de tradução: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986a. ; \_\_\_\_\_. Tradução, desconstrução e psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1986b.

<sup>5</sup> AZENHA JUNIOR, J. Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, 1999.

<sup>6</sup> BARBOSA, H. G. Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

<sup>7</sup> BASSNETT-Mc GUIRE, S. Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

<sup>8</sup> STEINER, G. *After Babel: aspects of language and translation*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

<sup>9</sup> BIDERMAN, M. T. C. Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

<sup>10</sup> BORBA, F. S. Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

<sup>11</sup> MARTINS, N. S. O léxico de Guimarães Rosa. São Paulo, Edusp, 2001.

<sup>12</sup> BERBER SARDINHA, T. *Lingüística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

<sup>13</sup> LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 18a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

<sup>14</sup> TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>15</sup> MATTELART, A. e NEVEU, E. *Introdução aos estudos culturais*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

<sup>16</sup> ZAVAGLIA, A. Relatório técnico-Pós-doutoramento (FAPESP - proc. 02/13435-0), 2006.

<sup>17</sup> BAKER, M. (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2005.

<sup>18</sup> *Apud* CORRÊA, R. H. M. A. Barreiras culturais da tradução: um estudo de obras de Jorge Amado traduzidas para o inglês. (Tese de Doutorado). USP. São Paulo, 1998.

nos levou a propor, no relatório anterior, uma ampliação do prazo para essa parte da pesquisa até maio de 2008.

A quarta etapa, graças ao auxílio do programa *WordSmith Tools*, foi realizada antes do período previsto (fevereiro a maio de 2008), tendo em vista que o programa estabelece a quantificação da frequência das ocorrências das lexias candidatas a marcadores culturais no CCM e no CR de forma bastante rápida.

No período referente ao relatório anterior, a quinta etapa estava ainda em andamento. Por meio da análise qualitativa dos dados obtidos nas etapas anteriores, pudemos selecionar critérios iniciais de delimitação de marcadores culturais. Além disso, propusemos continuar as análises, deixando em aberto a possibilidade de alterações, tais como novos critérios de delimitação.

Contamos como uma antecipação da oitava etapa o fato de termos apresentado em congressos alguns resultados iniciais de nossa pesquisa.

## **2. Resumo do que foi realizado no período a que se refere o relatório**

### **2.1 Etapas e cronograma**

Em nosso relatório anterior, estava prevista a realização de cinco etapas durante o período de abril a setembro de 2008, as quais relembramos a seguir, juntamente com o respectivo cronograma:

3ª etapa: consulta a diferentes obras lexicográficas monolíngües para observar diferentes definições e correspondentes dos candidatos a marcadores culturais.

5ª etapa: continuação da análise qualitativa dos resultados da quarta etapa.

6ª etapa: alinhamento das ocorrências em língua portuguesa com as suas traduções em língua francesa.

7ª etapa: consulta a obras lexicográficas monolíngües em francês e bilíngües (português-francês, francês-português) das traduções encontradas.

8ª etapa: construção de definições e aplicação dos resultados finais a uma estrutura de glossário.

<b>meses</b>	<b>6º</b>	<b>7º</b>	<b>8º</b>	<b>9º</b>	<b>10º</b>	<b>11º</b>	<b>12º</b>
<b>etapas</b>	<b>(mar)</b>	<b>(abr)</b>	<b>(mai)</b>	<b>(jun)</b>	<b>(jul)</b>	<b>(ago)</b>	<b>(set)</b>
<b>5+3</b>							
<b>6</b>							
<b>7</b>							
<b>8</b>							

### **2.2 Resumo das etapas concluídas e em andamento**

A terceira etapa, iniciada no período referente ao relatório anterior e concluída no período referente ao presente relatório, consistiu na consulta a diferentes obras lexicográficas do português, durante a qual foram observadas as diversas definições dos candidatos a marcadores culturais antes selecionados.

Na quinta etapa, que deveria ser realizada concomitantemente com a terceira, os resultados da quarta etapa foram analisados qualitativamente. Por um lado, confirmaram-se os critérios elaborados no relatório anterior para delimitar marcadores culturais, a saber: a classificação por domínios, o índice de *chavidade* e a consulta aos dicionários e glossários. Por outro, foram observadas as relações entre o número de ocorrências dos candidatos a marcadores culturais e o número de seus contextos, considerando, além disso, outras informações obtidas nas listas construídas durante a quarta etapa (como, por exemplo, o índice de *chavidade*) e os resultados obtidos na terceira etapa (como, por exemplo, a comparação dos contextos e acepções do *corpus* com aqueles dos dicionários e glossários consultados). Nessa quinta etapa selecionamos, portanto, a lista final de marcadores culturais para compor nosso glossário.

Tendo em vista essa seleção, tornou-se possível a realização da sexta etapa, durante a qual alinhamos o texto em português com o seu correspondente em francês, de modo a observar as diversas estratégias de tradução para os marcadores culturais de nossa lista final.

Na sétima etapa, cuja execução seria paralela à sexta, consultamos obras lexicográficas bilíngües em português-francês/francês-português e monolíngües em francês na tentativa de entender melhor as estratégias dos tradutores e selecionar as definições que fundamentariam, juntamente com os contextos do *corpus*, a descrição semântica das entradas de nosso glossário.

A última etapa de nossa pesquisa constou da elaboração das definições e escolha dos exemplos para cada marcador cultural selecionado durante a pesquisa, além de um levantamento de possíveis modelos de glossário, de forma a estruturar os verbetes e, finalmente, construir nosso pequeno glossário bilíngüe de marcadores culturais.

### **3. Detalhamento dos progressos realizados, dos resultados obtidos no período, justificando eventuais alterações do projeto ou em sua execução e discutindo eventuais dificuldades surgidas ou esperadas na realização do projeto.**

#### **3.1 Terceira etapa – concluída (período de março a maio de 2008)**

##### **3.1.1 Consulta a diferentes obras lexicográficas monolíngües para observar diferentes definições e correspondentes dos candidatos a marcadores culturais**

Por ter sido realizada simultaneamente com a quinta etapa, conforme íamos selecionando os marcadores culturais que fariam parte de nossa lista final, realizávamos também a consulta a obras lexicográficas, de forma que tal pesquisa contribuísse na busca de justificativas para classificar as lexias como marcadores culturais ou não. É importante lembrar que essa etapa já havia começado no período descrito em nosso relatório anterior; portanto, trata-se de uma continuação dos resultados obtidos até então.

##### **3.1.2 Resultados obtidos na terceira etapa**

Tal como em nosso relatório anterior, no qual mostramos 20 exemplos de consulta a obras lexicográficas e análises iniciais de candidatos a

marcadores culturais, elencamos abaixo uma amostragem simples com quatro exemplos extraídos dos resultados da terceira etapa, um para cada domínio cultural:

- Candidato: Cunhã

*Domínio cultural:* Social

*Obras em que ocorre:* Macunaíma

*Chavicidade:* Macunaíma – 163,7.

*Definições dos dicionários:*

AURÉLIO <sup>19</sup>	HOUAISS <sup>20</sup>	UNESP (PORT. CONTEMP.) <sup>21</sup>
<p>[Do tupi.] Substantivo feminino. 1. Bras. Amaz. Mulher (1). 2. Bras. MA Mulher (1) jovem. 3. Bras. Bot. Designação de duas plantas forrageiras (<i>Bradburya angustifolia</i> e <i>B. sagittata</i>) da família das leguminosas: “A <u>cunhã</u> é uma leguminosa forrageira adaptada às condições dos trópicos, chegando ao Ceará em 1963, através da Universidade.” (<i>Jornal Universitário</i>, junho, 1982.)</p>	<p>substantivo feminino Regionalismo: Amazônia. <b>1</b> mulher <b>2</b> mulher jovem; cunhantã <b>3</b> a mulher do caboclo substantivo masculino Rubrica: angiospermas. <b>4</b> m.q. <i>feijão-bravo</i> (<i>Centrosema brasilianum</i>)</p>	<p>(Tupi) Sf (Reg: N) <b>1</b> mulher: <i>Raimundo não admitia que pusessem os olhos na sua cunhã.</i> <b>2</b> criada; empregada: <i>As cunhãs me trazendo tudo na mão, preparando meu banho, lavando e passando minha roupa.</i></p>

Tabela 1: Definições de *cunhã* em três diferentes dicionários

*Observações até o momento:* Inserida no contexto da obra Macunaíma, *cunhã* aparece no sentido de mulher, o que nos leva a descartar as outras acepções encontradas nos dicionários e classificá-la como pertencente ao domínio social. O índice de *chavicidade* alto corrobora o fato de essa lexia poder ser tratada como um marcador cultural

- Candidato: Ipueira(s)

*Domínio cultural:* Ecológico

*Obras em que ocorre:* Macunaíma; Os Sertões.

*Chavicidade:* Macunaíma – índice de chavicidade inexistente para esta obra; Os Sertões – 92,4.

*Definições dos dicionários:*

AURÉLIO	HOUAISS	UNESP (PORT. CONTEMP.)
<p>ipueira [Var. de <i>ipuera</i>.] Substantivo feminino. 1. Bras. Lagoeiro formado nos lugares baixos pelo transbordamento dos rios, e onde as águas, em geral piscosas, se conservam meses a fio. 2. Bras. MA Qualquer paul. 3. Bras. GO Lagoa pequena. [Var.: <i>ipuera</i>, <i>impueira</i>, <i>impureira</i>, <i>puera</i>.]</p>	<p>ipueira substantivo feminino <b>1</b> Regionalismo: Brasil. charco que se forma em lugares baixos, devido às enchentes dos rios <b>2</b> Regionalismo: Maranhão. região pantanosa; paul <b>3</b> Regionalismo: Goiás. pequena lagoa</p>	<p>ipueira (Tupi) Sf <b>1</b> charco formado pelo transbordamento dos rios em lugares baixos, onde as águas se conservam durante meses: <i>Pescou um dourado na ipueira.</i></p>

Tabela 2: Definições de *ipueira* em três diferentes dicionários

<sup>19</sup> Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0, correspondente à 3ª edição, 1ª impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do *Aurélio Século XXI, O Dicionário da Língua Portuguesa*, 2004.

<sup>20</sup> Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 2.0a, correspondente à edição integral do Dicionário Houaiss da língua portuguesa, Editora Objetiva, Abril de 2007

<sup>21</sup> Borba, F. S. (org.) e colaboradores. Dicionário UNESP do português contemporâneo. São Paulo: UNESP, 2004.

*Observações até o momento:* Em Macunaíma há apenas uma ocorrência dessa lexia, no sentido de charco que se forma durante o período de cheia do rio. Em Os Sertões, o próprio contexto revela o significado de *ipueiras* pela própria descrição do autor:

Intercorrem ainda paragens menos estéreis, e nos trechos em que se operou a decomposição *in situ* do granito, originando algumas manchas argilosas, as copas virentes dos ouricurizeiros circuitam - parêntesis breves abertos na aridez geral - as bordas das ipueiras. Estas lagoas mortas, segundo a bela etimologia indígena, demarcam obrigatória escala ao caminhante. Associando-se às cacimbas e "caldeirões", em que se abre a pedra, são-lhe recurso único na viagem penosíssima. Verdadeiros oásis, têm contudo, não raro, um aspecto lúgubre: localizadas em depressões, entre colinas nuas, envoltas pelos mandacarus despídos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada, recortando-se com destaque no chão poento e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem. (Os Sertões, 1984, consultado no endereço: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>)

Com isso, além de entendermos o sentido em que essa lexia foi empregada, podemos classificá-la como pertencente ao domínio ecológico. Novamente, o índice de *chavidade* alto ajudou a comprovar a delimitação de *ipueira(s)* como um marcador cultural.

- Candidato: Macumba

*Domínio cultural:* Ideológico

*Obras em que ocorre:* Macunaíma; Tereza Batista.

*Chavidade:* Macunaíma – 83,3; Tereza Batista – índice de *chavidade* inexistente para esta obra.

*Definições dos dicionários:*

AURÉLIO	HOUAISS	UNESP (PORT. CONTEMP.)
<p>Do quimb. <i>ma'kôba.</i> Substantivo feminino. Bras. 1.Rel. Designação genérica dos cultos sincréticos afro-brasileiros derivados de práticas religiosas e divindades de povos bantos, influenciadas pelo candomblé e com elementos ameríndios, do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo, etc. 2.Rel. O ritual desses cultos. 3.Rel. Denominação atribuída à quimbanda (q. v.) pelos seguidores da umbanda da chamada <i>linha branca</i>. 4.Rel. Impr. Magia negra. 5.Rel. Pop. Bruxaria (2). 6.Antigo instrumento de percussão, espécie de reco-reco, de origem africana, e que produz um som rascante.</p>	<p>substantivo feminino <b>1</b> Rubrica: música, religião. Regionalismo: Brasil. antigo instrumento de percussão de origem africana, espécie de <i>canzá</i> que consistia num tubo de taquara com cortes transversais onde se friccionavam duas varetas, e que era outrora us. em terreiros de cultos afro-brasileiros <b>2</b> Rubrica: religião. designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas (p.ex., de Angola e do Congo), e tb. ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas <b>3</b> Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. o ritual celebrado nesses cultos <b>4</b> Derivação: por extensão de sentido. designação leiga dos cultos afro-brasileiros em geral (e seus rituais respectivos) <b>4.1</b> Derivação: freqüentemente. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. designação leiga desses cultos quando</p>	<p>(Afr) Sf [Ab] <b>1</b> sincretismo religioso, derivado de elementos de várias regiões africanas, indígenas brasileiras e do cristianismo <b>2</b> magia negra; feitiçaria: <i>Só com macumba podemos resolver esse caso</i>. <b>3</b> ritual de feitiçaria: <i>As pessoas cantavam e tocavam tambor durante a macumba</i>. <b>4</b> dança própria desse ritual: <i>A Dama Negra põe-se a dançar passos de macumba</i>. [Co] <b>5</b> oferenda que se coloca nas encruzilhadas: <i>Um bêbado, feliz da vida, recolheu a macumba porque havia uma garrafa de cachaça</i>.</p>

	<p>supostamente praticam a magia negra Obs.: cf. <i>quimbanda</i></p> <p><b>5</b> Derivação: por metonímia. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. oferenda a Exu, esp. nas encruzilhadas; despacho</p> <p><b>6</b> Derivação: por extensão de sentido. em sentido lato, magia negra, feitiçaria; feitiço, despacho Ex.: até m. já fizeram para (ou contra) ele</p> <p><b>7</b> em terreiros do Nordeste do Brasil, excremento</p> <p><b>8</b> ousadia, audácia</p> <p><b>9</b> Regionalismo: Rio de Janeiro. no início do sXX, filha-de-santo da nação cabinda</p>	
--	---	--

Tabela 3: Definições de *macumba* em três diferentes dicionários

*Observações até o momento:* Em ambas as obras, *macumba* aparece claramente como uma lexia do domínio ideológico. É um ritual de feitiçaria relacionado a religiões afro-brasileiras como o candomblé, constantemente presente na cultura brasileira. O índice de *chavicidade* para essa lexia em Macunaíma é alto e corrobora o fato de ela ser um marcador cultural. Porém, o índice de *chavicidade* para *macumba* em *Tereza Batista* é inexistente. Mesmo que sua frequência de ocorrência no cruzamento dos dois *corpora*, o CCM e o de referência, não seja alta, a sua ocorrência no mesmo sentido de ritual de feitiçaria em Macunaíma não deixa de ser significativa. Ocorre aqui, segundo a orientadora, algo similar à pesquisa terminológica: o fato de um termo ocorrer apenas uma vez num *corpus* especializado não quer dizer, de forma alguma, que não possa fazer parte daquela terminologia. Assim, *macumba* não será excluído de nossa lista final de marcadores.

- Candidato: Maloca

*Domínio cultural:* Material

*Obras em que ocorre:* Macunaíma; Os Sertões

*Chavicidade:* Macunaíma – 107,2; Os Sertões – índice de chavicidade inexistente para esta obra.

*Definições dos dicionários:*

AURÉLIO	HOUAISS	UNESP (PORT. CONTEMP.)
<p>[Do araucano <i>malocan</i>, ‘fazer hostilidade’, pelo esp. plat. <i>maloca</i>. (Depois da pacificação dos pampas, o termo passou a designar ‘aldeia de índios’.)]</p> <p>Substantivo feminino.</p> <p>1.Bras. Casa de habitação índia, que aloja diversas famílias.</p> <p>2.Bras. Aldeia indígena.</p> <p>3.Bras. P. ext. Casa, lar.</p> <p>4.Bras. Esconderijo.</p> <p>5.Bras. PA Cardume de peixes.</p> <p>6.Bras. N.E. Gado que os vaqueiros ajuntam e conduzem para os currais, por ocasião das vaquejadas.</p> <p>7.Bras. N.E. Gado que costuma pascer em certos e determinados pastos, nas fazendas de criação.</p> <p>8.Bras. N.E. Grupo de gente que não</p>	<p>substantivo feminino</p> <p><b>1</b> conjunto de habitações de indígenas; aldeia</p> <p><b>2</b> (1899) grande choça coberta de palmas secas, us. como habitação por várias famílias índias, esp. sul-americanas</p> <p><b>3</b> Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. casa muito pobre, bastante rústica; choupana, rancho, barracão</p> <p><b>4</b> Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. domicílio familiar; casa, lar</p> <p><b>5</b> Regionalismo: Sudeste do Brasil, Sul do Brasil. Uso: linguagem de delinquentes.</p>	<p>(<i>Or duv</i>) <b>Sf 1</b> cabana toscamente construída, coberta com folhas de palmeira e que serve de habitação aos índios da América <b>2</b> (<i>Deprec</i>) casa de condições precárias, desprovida de recursos de higiene: <i>Demonstrando todo o ser preconceito, o gerente afirmou que não dava emprego a quem mora numa maloca.</i></p>

<p>inspira confiança. 9.Bras. AL Esconderijo feito na areia da praia. 10.Bras. S. Grupo de salteadores, de bandidos.</p>	<p>esconderijo de pessoas, de mercadoria roubada ou contrabandeada</p> <p><b>6</b> Regionalismo: Sul do Brasil. Uso: linguagem de delinquentes. casa de marginal; local onde dormem marginais</p> <p><b>7</b> Regionalismo: Alagoas. abrigo feito na praia</p> <p><b>8</b> Regionalismo: Alagoas. cassino clandestino</p> <p><b>9</b> Uso: pejorativo. magote de gente que não inspira confiança; malta, súcia Ex.: m. de ciganos</p> <p><b>9.1</b> Regionalismo: Sul do Brasil. grupo de malfeitores, de bandidos; corja</p> <p><b>10</b> Regionalismo: Nordeste do Brasil. magote de gado que, quando das vaquejadas, os vaqueiros ajuntam e conduzem para os currais</p> <p><b>11</b> Regionalismo: Nordeste do Brasil. gado que se fixa em pastos certos e determinados nas fazendas de criação</p> <p><b>12</b> Regionalismo: Pará. grande quantidade de peixes; cardume</p>	
--	---	--

Tabela 4: Definições de *maloca* em três diferentes dicionários

*Observações até o momento:* Talvez o sentido de *maloca* mais conhecido pelos nativos brasileiros seja o de uma casa muito pobre, rústica, de condições precárias, por influência da música de grande sucesso “Saudosa Maloca”, composta por Adoniran Barbosa em 1955. O compositor usa a lexia *maloca* para narrar a história de uma casa muito pobre, construída provisoriamente em uma cidade grande e derrubada para a construção de um edifício alto – símbolo do progresso e crescimento da cidade, em contraposição à casa de condições precárias. Porém, em nosso *corpus*, ao aparecer em *Os Sertões* e em *Macunaíma*, *maloca* é utilizada em seu sentido indígena original, de habitação grande e rústica que abriga várias famílias, o que configura seu caráter culturalmente marcado, devido à forte influência indígena sobre a cultura brasileira. O índice de *chavidade* inexistente em *Os Sertões* se deve ao fato de *maloca* aparecer poucas vezes na obra, o que não exclui o fato de essa lexia ser um marcador cultural, pois em todas as suas ocorrências ela aparece no sentido de habitação indígena. Já no caso de *Macunaíma*, o índice de *chavidade* alto confirma o fato de essa lexia poder ser considerada um marcador cultural.

Dessa forma, torna-se possível a comprovação de que, para a delimitação de uma lexia como um marcador cultural, é importante observar os candidatos a marcadores culturais de acordo com os três critérios estabelecidos durante nossa pesquisa, a saber: (1) a classificação por domínios culturais segundo a proposta de Nida (1945), reformulada por Aubert (1985), (2) a observação do índice de *chavidade* de acordo com o programa *WordSmith Tools* e (3) a consulta a diferentes dicionários e aplicação das definições aos contextos das obras, para compreender o sentido em que o



candidato a marcador cultural foi empregado. Além disso, é imprescindível a observação das lexias em seus contextos para que se possa entender se o sentido com que foram empregadas pode coincidir com aquele encontrado em outros contextos de outras obras.

Ainda como resultados para essa etapa, submetemos um resumo para avaliação pela Comissão Organizadora do 56º GEL, sob o título de “A elaboração de um glossário bilíngüe de marcadores culturais (português-francês)”, o qual foi aprovado para apresentação em forma de pôster (cf. Anexos – Participações em eventos).

### **3.1.3 Eventuais alterações**

Não houve alterações para esta etapa.

### **3.1.4 Eventuais dificuldades surgidas ou esperadas**

Não sentimos dificuldades na execução dessa etapa. O tempo previsto no cronograma alterado em nosso relatório anterior foi suficiente e a pesquisa prosseguiu sem problemas.

## **3.2 Quinta etapa – concluída (período de março a maio de 2008)**

### **3.2.1 Continuação da análise qualitativa dos resultados da quarta etapa**

Como já havíamos demonstrado em nosso relatório anterior, a quinta etapa consistiu na análise dos dados obtidos na segunda, terceira e quarta etapas para testar, experimentar e buscar critérios de delimitação de marcadores culturais com o intuito de construir nossa lista final, a qual comporia a macroestrutura de nosso glossário.

Assim, é indispensável relembrar nossos critérios iniciais de delimitação, descrito no relatório anterior, na seguinte seqüência de pesquisa:

1) Por meio da classificação por domínios culturais proposta por Nida (1945) e reformulada por Aubert (1985) (op.cit.), delimitar em qual domínio a lexia em questão se encaixa;

2) No programa *WordSmith Tools*, observar se a lexia aparece na lista de *keywords* e, se sim, qual é o seu número de *keyness* (*chavicidade*, cf. item 3.2.1), lembrando que número elevado de *keyness* representa uma maior possibilidade de a lexia ser um marcador cultural;

3) Consultar diferentes dicionários, buscando diferentes definições à lexia em questão e aplicá-las por comparação no contexto da obra, observar quando já aparece dicionarizada como um regionalismo e verificar qual definição é a mais apropriada aos contextos das obras para compreender o sentido em que a lexia foi empregada.

É relevante explicarmos as justificativas de nossos critérios. A classificação por domínios culturais funciona como um filtro, uma vez que são descartadas as lexias que pertencem ao domínio lingüístico, como verbos, advérbios, conjunções, entre outras lexias que expressam um valor cultural mais vinculado à especificidade de uma determinada língua, e não a uma referencialidade específica de uma determinada cultura expressa por uma dada língua, como é o caso dos outros domínios (sobre a questão da

referencialidade, veja-se Aubert & Zavaglia, 2007)<sup>22</sup>. Um exemplo interessante que nos foi dado pela orientadora é o de “saudade”: apesar de ser uma lexia vista por grande parte dos nativos brasileiros como um possível marcador de nossa cultura, o que de fato é, ela denomina um sentimento comum a outras culturas, que utilizam outros tipos de palavras e construções para expressá-lo (“Tu me manques”, “I’m missing you”).

O programa *WordSmith Tools*, por sua vez, constrói listas de palavras-chave (*keywords*) por meio de uma comparação entre um *corpus* de estudo e um *corpus* de referência, dando-nos o índice de *chavidade*. Esse critério apresenta vantagens e desvantagens. Por um lado, o índice obtido corrobora os resultados de nossa separação por domínios; por outro, porém, deixa escapar nas listas elaboradas uma quantidade considerável de candidatos a marcadores culturais. Isso porque nem todas as lexias são classificadas por esse índice e outras apresentam um índice muito baixo. Ao construirmos a lista de palavras-chave considerando como *corpus* de estudo o culturalmente marcado (as quatro obras literárias em português) e como *corpus* de referência o *Lácio-Ref*, por exemplo, a lexia “capitão” apareceu com um índice de *chavidade* de 2.745,3, enquanto “cunhatã”, por sua vez, não aparece. Ambas entrarão, no entanto, em nosso glossário, por terem sido usadas nas obras em acepções que evocassem seu contexto culturalmente marcado: “capitão”, para designar o chefe de qualquer grupo de pessoas, independentemente de ele possuir a patente de capitão, e “cunhatã” por ter sido empregada em conformidade com o seu sentido original em tupi, ou seja, de moça jovem, sentido registrado em dicionários do português como regionalismo da Amazônia.

A consulta a obras lexicográficas serviu para verificar a compatibilidade das definições encontradas na microestrutura dessas obras com os contextos em que as lexias de nossa lista final de marcadores aparecem. Um caso interessante é o de “bandeiras”. Como bandeira de um país, não entraria em nosso glossário; porém, em *Os Sertões*, aparece sempre no plural como referência à história das expedições de investida no interior do Brasil no século XVII: ao consultar as obras lexicográficas e aplicar as diferentes acepções nos contextos da obra, esta última acepção fez com que essa lexia fosse incluída em nosso glossário.

A eficácia desses critérios pôde ser comprovada em nossa pesquisa ao selecionarmos nossa lista final de marcadores culturais para compor a macroestrutura de nosso glossário, num total de 98 marcadores (cf. item 3.2.2 e glossário Anexos - Glossário).

Porém, ainda que o programa *WordSmith Tools* auxilie bastante na elaboração de listas de palavras e nos ofereça dados interessantes para a delimitação de lexias como marcadores culturais, tais como o índice de *chavidade*, continua sendo indispensável uma revisão manual por meio da classificação em domínios culturais e a consulta aos dicionários e glossários. Talvez fosse interessante, em desenvolvimentos futuros, tentar buscar critérios ainda mais eficazes, por meio do uso de outros programas, tais como o *software* livre *Unitex*.

---

<sup>22</sup> Aubert, F.H.; Zavaglia, A. Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida (4): a fronteira entre a modulação e a adaptação. In: Leila Parreira Duarte et al.. (Org.). Veredas de Rosa III. Belo Horizonte: PUC Minas - CESPUC, 2007, v. , p. 302-309.

### 3.2.2 Resultados obtidos na quinta etapa

Além de termos selecionado nossos critérios de delimitação de marcadores culturais (como mostrado no item anterior – 3.2.1), obtivemos nessa etapa a nossa lista final de marcadores culturais, que conta com as 90 lexias da tabela a seguir:

ACAPU	CAATINGA	CI	IPUEIRA	MORUBIXABA	PIAIMÃ	TAPIR
AIPIM	CABAÇA	CIATA	JABOTI	MUIRAQUITÃ	RÊDE	TATU
ARMAZÉM	CACHAÇA	CORONEL	JACARÉ	MULA-SEM-CABEÇA	ROÇA	TEQUETEQUE
ARRAIAL	CACHIRI	CUNHÃ	JAGUNÇO	MUTUM	SAMBA	TERREIRO
ARUAÍ	CACIMBA	CUNHATÃ	JANDAIA	OGÃ	SAÚVA	TIMBÓ
BACHAREL	CAIUANOQUE	CURIBOCA	MACACHEIRA	OGUM	SAVEIRO	UIRAPURU
BALAIÓ	CAMÃ-PABINQUE	CURRUPIRA	MACUMBA	OIBÊ	SERTANEJO	URUBU
BANDEIRAS	CAPANGA	CURUMIM	MÃE-DE-SANTO	OMOLU	SERTÃO	VEI
BARÇAÇA	CAPIAU	DOUTOR	MALOCA	ORIXÁ	SÍTIO	VILA
BOIÚNA	CAPITÃO	EXU	MANDIOCA	OXOSSI	SURUCUCU	XANGÔ
BROMÉLIA	CARAJÁ	FAVELA	MATUTO	PAJÉ	TAÍNA-CÃ	YANSÃ
BUMBA	CEIUCI	ICAMIABA	MICURA	PAPIRI	TAPANHUMAS	YEMANJÁ
CAAPORA	CHÁCARA	IGARITÉ	MOCAMBO	PAUÍ-PÓDOLE	TAPERÁ	

Tabela 5: Lista final de marcadores culturais (macroestrutura do glossário)

Tendo construído essa lista, tornou-se possível realizar as etapas seguintes de nossa pesquisa, as quais consistiram na observação das traduções desses marcadores e classificação por modalidades de tradução (6ª etapa – cf. item 3.3 e sub-itens), na busca de definições e seleção de exemplos para compor a microestrutura do glossário (7ª etapa – cf. item 3.4 e sub-itens) e na organização de seus verbetes.

Pelo fato de a terceira e a quinta etapas terem sido realizadas concomitantemente, a submissão do resumo para avaliação pela Comissão Organizadora do 56º GEL, sob o título de “A elaboração de um glossário bilíngüe de marcadores culturais (português-francês)”, também corresponde a esse período (cf. Anexos – Participações em eventos).

### 3.2.3 Eventuais alterações

Não foram necessárias alterações para essa etapa.

### 3.2.4 Eventuais dificuldades surgidas ou esperadas

As poucas dificuldades surgidas nessa etapa com relação à escolha dos critérios de delimitação de marcadores culturais e análises dos resultados foram sanadas nas reuniões regulares com a orientadora.

### 3.3 Sexta etapa – concluída (período de abril a julho de 2008)

#### 3.3.1 Alinhamento das ocorrências em língua portuguesa com as suas traduções em língua francesa.

A partir da lista final de marcadores culturais obtida na quinta etapa, pudemos realizar o alinhamento das ocorrências em português com as traduções em língua francesa. Ao fazê-lo, observamos as diferentes estratégias de tradução para cada lexia, classificando-as de acordo com as modalidades de tradução de Aubert (1998 e 2006). Notamos, também, as diversas freqüências de cada modalidade escolhida pelos tradutores. Nosso intuito era observar a relação entre estratégia de tradução e contexto (cf. item 3.3.2). Tendo isso em vista juntamente com os resultados da sétima etapa (cf. item 3.4 e sub-itens), a qual concerne à consulta a obras lexicográficas monolíngües (em francês) e bilíngües (francês/português e português/francês), tornou-se possível escolher as traduções e os exemplos que constariam em nosso glossário.

#### 3.3.2 Resultados obtidos na sexta etapa

Durante o alinhamento, ao observarmos as diferentes estratégias de tradução para os contextos diversos em que se inseria cada lexia, quantificamos a porcentagem de ocorrência por estratégia, verificando quais foram aplicadas em cada acepção encontrada da lexia, tal como demonstram os exemplos das tabelas a seguir:

<b>Chácara(s) = 16 ocorrências</b>				
<b>Obra</b>	<b>Tradução encontrada</b>	<b>nº de ocorrências</b>	<b>Estratégia do tradutor</b>	<b>Subtotal/obra em %</b>
<i>Sagarana</i>	domaine	1	modulação	20%
	ferme	2	adaptação	40%
	propriété	1	modulação	20%
	verger	1	adaptação	20%
<i>Tereza Batista</i>	-	11	omissão	100%
<b>Total geral</b>				
<b>Estratégia</b>			<b>%</b>	
Adaptação			18,7%	
Modulação			12,6%	
Omissão			68,7%	

Tabela 6: Exemplo de quantificação de estratégias para a lexia *chácara*

<b>Macumba(s) = 12 ocorrências</b>				
<b>Obra</b>	<b>Tradução encontrada</b>	<b>nº de ocorrências</b>	<b>Estratégia do tradutor</b>	<b>Subtotal/obra (aprox.) em %</b>
<i>Macunaíma</i>	macoumba	10	decalque	100%
<i>Tereza Batista</i>	macumba	1	empréstimo (com nota)	50%
	macumba	1	acrécimo	50%
<b>Total geral</b>				
<b>Estratégia</b>			<b>% (aproximada)</b>	
Acrécimo			8,30%	
Decalque			83,40%	
Empréstimo (com nota)			8,30%	

Tabela 7: Exemplo de quantificação de estratégias para a lexia *macumba*

<b>Caatinga(s) = 106 ocorrências</b>				
<b>Obra</b>	<b>Tradução encontrada</b>	<b>nº de ocorrências</b>	<b>Estratégia de tradução</b>	<b>Subtotal/obra (aprox.) em %</b>
<i>Os Sertões</i>	caatingas	96	empréstimo (com nota)	100%
<i>Tereza Batista</i>	caatinga	2	empréstimo (com nota)	66,70%
	maquis	1	adaptação	33,30%
<i>Macunaíma</i>	maigre végétation	1	explicitação	25%
	caatinga	1	empréstimo (sem nota)	25%
	brousse	2	adaptação	50%
<i>Sagarana</i>	caatingas	1	empréstimo (sem nota)	50%
	brousse	1	adaptação	50%
<b>Total geral</b>				
<b>Estratégia</b>			<b>% (aproximada)</b>	
Empréstimo (com nota)			93,30%	
Empréstimo (sem nota)			1,90%	
Adaptação			3,80%	
Explicitação			1%	

Tabela 8: Exemplo de quantificação de estratégias para a lexia *caatinga*

Levando em conta a teoria de Venuti (2002)<sup>23</sup> sobre a *domesticação* e a *estrangeirização*, podemos afirmar que casos como as diferentes formas de tradução palavra por palavra e modulação encontradas para *roça* e para *chácara* configuram casos de *domesticação*. Pelo fato de apagarem a diferença cultural por meio da criação de um novo texto a partir do original, não se mostram interessantes à proposta de nosso glossário, que tem como objetivo marcar a diferença cultural e propor soluções coerentes com a multiculturalidade. Em contrapartida, os casos de empréstimo e decalque para *macumba* indicam o que Venuti classifica como *estrangeirização*, por causarem uma estranheza inicial ao leitor, que pode ser esclarecida no próprio contexto em que a lexia se insere ou por meio de explicitação (seja em forma de nota explicativa ou ao longo do texto). Essa estranheza conduz o leitor a identificar as diferenças culturais entre os idiomas e culturas em questão, além de levá-lo a perceber o texto traduzido como uma tradução.

Dessa forma, o cotejo das diferentes modalidades de tradução nos ajudou a definir as estratégias utilizadas pelos tradutores para os diferentes contextos em que uma dada lexia se aplica, auxiliando-nos, assim, a selecionar as várias formas possíveis de tradução para cada acepção de uma lexia como, por exemplo, no caso de “chácara”, no qual *domaine* e *propriété*, por serem ambas modulações, entram em nosso glossário como possibilidades de tradução para a acepção de chácara como “pequena propriedade campestre” (cf. Anexos - Glossário).

Últimas observações sobre os resultados dessa etapa  
(cf. Anexos – Participações em eventos):

a) Participação como monitora da Primeira Jornada de Estudos Culiolianos “Noção e Domínio Nocional”, promovida pelo Grupo de Estudos sobre a Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli –

<sup>23</sup> VENUTI, L. Escândalos da tradução: por uma ética da diferença. Tradução de Pelegrin, L.; Villela, L. M.; Esqueda, M. D.; Biondo, V. Revisão de Tagnin, S. E. O. Bauru: EDUSC, 2002

GETOpE (CNPq), vinculado à Área de Francês do DLM/FFLCH/USP, em 04 de junho de 2008.

b) Apresentação de um painel no 56º Seminário do GEL com o título “A elaboração de um glossário bilíngüe de marcadores culturais (português-francês)”, em 17 de julho de 2008.

### 3.3.3 Eventuais alterações

As tarefas referentes a essa etapa foram cumpridas tal como previsto.

### 3.3.4 Eventuais dificuldades surgidas ou esperadas

Não sentimos dificuldades na execução dessa etapa.

## 3.4 Sétima etapa – concluída (período de abril a julho de 2008)

### 3.4.1 Consulta a obras lexicográficas monolíngües em francês e bilíngües (português-francês, francês-português) das traduções encontradas.

Na sétima etapa, cuja execução estava prevista juntamente com a sexta etapa, consultamos obras lexicográficas bilíngües em português-francês/francês-português e monolíngües em francês, com o intuito de observar as definições existentes para as diferentes traduções encontradas. Assim, seria possível buscar as justificativas das escolhas dos tradutores e facilitar a classificação em estratégias de tradução.

### 3.4.2 Resultados obtidos na sétima etapa

Os resultados dessa etapa serviram de base para entendermos os significados das diversas traduções escolhidas para cada lexia e podermos fazer as análises da sexta etapa. Assim, ao proceder ao alinhamento das lexias com suas traduções para o francês, selecionávamos as diversas possibilidades de tradução e procurávamos cada uma delas em obras lexicográficas monolíngües em francês e bilíngües (português-francês/francês-português). Vejamos o exemplo da lexia em português *chácara*, para a qual encontramos em nosso *corpus* de estudo quatro possibilidades de tradução: *domaine*, *ferme*, *propriété* e *verger*. A tabela abaixo mostra o cotejo das definições de *domaine* em quatro diferentes dicionários monolíngües do francês, dos quais selecionamos as acepções mais interessantes em nosso caso:

LE PETIT ROBERT <sup>24</sup>	LAROUSSE <sup>25</sup>	LITTRÉ <sup>26</sup>	TRÉSOR <sup>27</sup>
<b>n. m.</b> • <i>demeine</i> XII <sup>o</sup> ; <i>lat. dominium</i> « propriété »  1 □ Terre possédée par un	<b>nom masculin</b> (bas latin <i>dominium</i> , pouvoir, peut-être du latin classique <i>dominus</i> , maître)	<b>s. m.</b>  1 <sup>o</sup> Terme de jurisprudence. Possession d'un bien ; propriété. Il y a plusieurs manières d'acquérir le	subst. masc. <b>A. – DROIT</b> <b>1.</b> Vx. Droit de propriété ou de possession. <i>Bail</i> , <i>levage à domaine</i> <i>congéable (cf. congéable)</i> . <i>Celui qui payait le cens au</i>

<sup>24</sup> Le CD-ROM Du Petit Robert, version électronique du Nouveau Petit Robert dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française, version 2.1, 2001.

<sup>25</sup> Consultado no site: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/#recherche/>

<sup>26</sup> Consultado no site:

<http://francois.gannaz.free.fr/Littre/xmlittre.php?rand=&requete=domaine&submit=Rechercher>

<sup>27</sup> Consultado no site: <http://www.cnrtl.fr/definition/>

<p>propriétaire. □ <u>2. bien, fonds, propriété, terre.</u> <i>Étendue d'un domaine. Domaine de cent hectares. Bois, forêts, chasses, prairies, pâturages, métairies, fermes composant un domaine. Domaine agricole.</i> □ <u>exploitation.</u> <i>Domaine vinicole.</i> □ <u>1. château, 2. clos. Petit domaine.</u> □ <u>enclos.</u> <i>Domaine familial.</i> □ <u>héritage, patrimoine.</u> <i>Les latifundia, grands domaines de l'Italie antique. Domaine féodal.</i> □ <u>fief.</u> [...]</p>	<p>► Propriété foncière ; bien, terre : <i>Un domaine de soixante hectares.</i></p> <p>► Lieu préféré par quelqu'un, un animal, ou qu'il se réserve ; territoire : <i>Le jardin était le domaine des enfants.</i></p> <p>► Secteur, champ couvert par une science, une technique, etc. : <i>Le domaine scientifique.</i></p> <p>► Secteur relevant de la compétence d'une institution, de quelqu'un, ou secteur d'activité où quelqu'un est particulièrement à l'aise : <i>Cette question n'est pas du domaine des tribunaux.</i></p> <p style="text-align: center;"><b>DROIT</b></p> <p>► Ensemble des biens corporels, mobiliers ou immobiliers appartenant à l'État ou aux collectivités locales.</p> <p>► <b>Domaine privé</b>, biens des collectivités locales n'ayant pas été affectés à l'usage direct du public ou à un service public. [...]</p> <p>► <b>Domaine seigneurial</b>, ensemble des terres appartenant à un seigneur qui en concédait la plus grande partie à des tenanciers et retenait dans sa propriété directe la réserve.</p>	<p>domaine d'une chose. Domaine direct ou éminent, appartenant au seigneur et donnant droit à l'hommage ou à une redevance ; domaine utile, comprenant la perception des fruits. <i>Pepin n'avait pas eu le domaine direct de tous les États que posséda Charlemagne,</i> <b>VOLT. Moeurs, 15.</b> 2° Bien foncier possédé. Avoir un petit domaine. Domaine congéable, en Bretagne, tenure avec faculté, pour le propriétaire, de congédier à toute époque. Propriété foncière destinée à l'exercice de l'industrie agricole, composée de terres arables, forêts, prairies, pâturages, etc. pourvue de bâtiments d'habitation et d'exploitation. Un beau domaine. Engager son domaine. <i>Qui n'a vu d'autre mer que la Marne ou la Seine Et croit que tout finit où finit son domaine,</i> <b>RACAN, dans RICHELET.</b> Ensemble de biens ruraux où se trouve un château ou une maison d'habitation pour le maître. Domaine royal, au moyen âge, territoire possédé directement par le roi, à l'exclusion des grands feudataires. Par extension et poétiquement, les terres que possède un souverain. <i>J'y souscris ; de Tournai les trop sanglantes plaines Avec les champs de Reims rentrent dans nos domaines,</i> <b>LEMERC. Frédég. Bruneh. IV, 2.</b> [...]</p>	<p><i>seigneur de la terre avait le domaine utile, et le seigneur auquel on payait le cens avait le domaine direct (Ac. 1835, 1878).</i></p> <p>[...]</p> <p><b>B.- Usuel.</b> Propriété foncière de vaste étendue comprenant généralement une habitation de maître. <i>Domaine agricole, dotal, familial; bois, chasses, fermes, forêts, métairies, pâturages, prairies relevant d'un domaine.</i> (Quasi-) synonyme. <i>bien, terre(s). S'il s'agit d'un corps de biens, la dénomination générale seulement du domaine et des arrondissements dans lesquels il est situé (Code civil, 1804, p. 398).</i></p> <p><i>L'usufruitier d'un domaine (...) ne peut ni aliéner ni morceler ce domaine, ni en entamer les valeurs permanentes, comme les arbres de haute futaie (JAURÈS Ét. soc., 1901, p. 165). Je composerai mon domaine métairie par métairie, afin que chacune accroisse par son fruit naturel le rendement de l'ensemble (PESQUIDOUX, Livre raison, 1932, p. 220); voir aussi aignade ex. 5.</i></p> <p><b>SYNT.</b> <i>Acquisition, partage, vente d'un domaine; hériter d'un domaine de deux cents hectares; posséder un domaine ancestral, un vaste domaine colonial; exploiter, gérer, agrandir, hypothéquer un beau et grand domaine; partir visiter un domaine avec son régisseur.</i></p> <p>– <i>Spécialement [...]</i></p> <p>◆ <b>Domaine privé.</b> Biens de l'État non affectés à un service public. <i>Les forêts communales font partie du domaine privé de la commune (LEMEUNIER 1969 et CIDA 1973).</i> [...]</p> <p><b>C.- P. anal. et au fig.</b></p> <p>Espace occupé par quelqu'un ou par quelque chose, qui se trouve sous son influence ou dans son champ d'activité. <i>Faire une intrusion dans le domaine de. Le puma,</i></p>
---	--	--	---

			<i>vexé de cette intrusion dans son domaine, vient se coucher sous les jambes de Marie-Jeanne</i> (T'SERSTEVENS, <i>Itinér. esp.</i> , 1933, p. 170). [...]
--	--	--	--

Tabela 9: Definições em dicionários monolíngües do francês para *domaine*

Ao observarmos as quatro definições, notamos que em todas elas a acepção inicial de *domaine* é técnica, do domínio jurídico, no sentido de bem material, de propriedade privada, de um determinado terreno que pertença legalmente a uma pessoa. Essa propriedade não se situa necessariamente no campo; não é, portanto, obrigatoriamente uma propriedade rural. Assim, há diferenças semânticas de ponto de vista entre *chácara* e *domaine* cuja relação pode ser classificada como modulada (Aubert, 1998 e 2006)

Partimos, então, para a consulta de *domaine* em um dicionário bilíngüe para verificar as possíveis traduções dessa lexia para o português:

GRANDE DICIONÁRIO DE DOMINGOS DE AZEVEDO (FR-PT) <sup>28</sup>	DICIONÁRIO PT-FR/FR-PT S. BURTIN-VINHOLES <sup>29</sup>	DICIONÁRIO FR-PT/PT-FR (SCARTEZZINI & PESTANA) <sup>30</sup>
<b>domaine</b> [doméne] s. m. Domínio, posse de bens imobiliários.    Patrimônio real, os bens da coroa.    Patrimônio, propriedade de uma casa.    Domínio, alçada, atribuição, competência.    <i>Tomber dans le domaine public</i> , ser do domínio público, diz-se das produções dos escritores, dos artistas e dos inventores cuja propriedade deixou de lhes pertencer.	<b>Domaine</b> (doméne) s.m. Domínio ; bens da coroa, patrimônio, herdade, propriedade, alcance, competência; poder, autoridade. TOMBER DANS LE – PUBLIC, cair no domínio público.	<b>domaine</b> (doméne), s. m. Domínio ; bens da coroa ; patrimônio, herdade, propriedade; alcance, competência; poder, autoridade.

Tabela 10: Definições em dicionários bilíngües do francês-português para *domaine*

Constatamos, dessa forma, que o dicionário bilíngüe não propõe *chácara* como uma das possibilidades de tradução de *domaine*. Porém, as definições aí encontradas mantêm o sentido de patrimônio ou de propriedade particular visto nos dicionários monolíngües em francês.

Tendo isso em vista, resolvemos procurar as definições para *chácara* em dicionários bilíngües português-francês:

GRANDE DICIONÁRIO DE DOMINGOS DE AZEVEDO (PT-FR)	DICIONÁRIO PT-FR/FR-PT S. BURTIN-VINHOLES	DICIONÁRIO FR-PT/PT-FR (SCARTEZZINI & PESTANA)
<b>chácara</b> [cha-kä-rä], n. f. Maison de campagne (au Brésil)	<b>Chácara</b> , s.f. Maison de campagne, propriété à la campagne.	<b>chácara</b> , s. f. Ferme; maison de campagne (au Brésil).

Tabela 11: Definições em dicionários bilíngües do português-francês para *chácara*

Dessa consulta, é possível depreender algumas observações interessantes. Em nenhum desses dicionários bilíngües aparece *domaine* como possibilidade de tradução para *chácara*. Porém, uma das possibilidades de

<sup>28</sup> Grande dicionário de Domingos de Azevedo, 9ª edição, Bertrand Editora, Lisboa: Agosto de 1989.

<sup>29</sup> Dicionário S. Burtin-Vinholes, 24ª edição, Editora Globo, Porto Alegre: 1968.

<sup>30</sup> Dicionário C. Scartezini & M. J. M. Pestana, Editora Hemus, São Paulo: 19-- .



tradução encontradas em nosso *corpus* coincide com uma das traduções proposta por dois dicionários consultados como forma possível de traduzir *chácara*. Isso nos mostra o fato de que uma obra lexicográfica montada com base em *corpora* oferece possibilidades de tradução que os dicionários bilíngües não oferecem, o que configura a importância da construção de nosso glossário ser baseada em *corpora* paralelos.

Finalmente, torna-se necessário explicar que, além de entendermos os significados das traduções e buscarmos justificativas para as escolhas dos tradutores, a consulta em dicionários e a classificação em modalidades de tradução nos ajudou a organizar melhor nossos verbetes: agrupamos as traduções para as diferentes acepções de uma lexia de acordo com a estratégia de tradução utilizada.

Lembramos ainda que como o período destinado a essa etapa coincidiu com o da sexta etapa, as atividades acadêmicas descritas no item 3.3.2 valem igualmente como resultados para a sétima etapa.

### **3.4.3 Eventuais alterações**

Não houve alterações durante a execução dessa etapa.

### **3.4.4 Eventuais dificuldades surgidas ou esperadas**

Não houve dificuldades para a realização dessa etapa.

## **3.5 Oitava etapa – concluída (período de junho a setembro de 2008)**

### **3.5.1 Construção de definições e aplicação dos resultados finais a uma estrutura de glossário.**

Primeiramente, realizamos um levantamento de possíveis modelos de glossário, na tentativa de escolher o modelo mais adequado para seguirmos. Buscamos, inicialmente, glossários, dicionários e teses sobre a tradução de marcadores culturais. Encontramos várias teses sobre o assunto, porém, apenas glossários e dicionários bilíngües de terminologia, dicionários bilíngües de colocações verbais, provérbios, entre outros. Daremos abaixo dois exemplos:

- Na tese de Livre-Docência da Prof. Dra. Stella E.O.Tagnin (1998)<sup>31</sup>, encontramos um exemplo bastante interessante de verbete inglês/português de seu Dicionário de Colocações Verbais. Nele o verbete é inserido pela base em inglês, seguida de suas informações gramaticais, de uma superordenação (em casos de colocações que possam ser substituídas por seus hipônimos – e, nesses casos, vem seguida de seu hipônimo), além do significado – entre colchetes – em casos de palavras polissêmicas, acompanhados por seus sinônimos, abreviaturas e registro (formal, informal, sentido figurado). Em seguida, encontram-se o exemplo em L1 e a tradução para o português.

---

<sup>31</sup> TAGNIN, S. E. O. Convencionalidade e Produção de Texto: Um Dicionário de Colocações Verbais Inglês /Português – Português/Inglês. (Tese de Livre-Docência). USP. São Paulo, 1998.

- Na dissertação de mestrado de Yinping Liu (2006)<sup>32</sup>, temos a entrada em chinês (ideograma e transcrição) e sua classificação gramatical. Em seguida, temos a tradução do termo para português e inglês e uma breve explicação, em português, do que trata esse termo.

Além disso, obtivemos uma sugestão do Prof. Dr. Francis Henrik Aubert<sup>33</sup>, na qual deveríamos inserir primeiramente a entrada e uma definição em português, seguidas de suas respectivas traduções para o francês e exemplos em ambos os idiomas. Em casos de lexias que envolvessem contextos culturais mais específicos (tais como os de história, zoologia, botânica, entre outros), seria necessário o acréscimo de uma informação enciclopédica em português seguida de sua tradução para o francês.

É importante lembrar que, com o intuito de ajudar a construção das definições de nossos marcadores culturais, nos baseamos também nas definições de um glossário monolíngüe do português (Martins, 2001) cujo objeto de estudo é o léxico das obras de Guimarães Rosa, repleto de marcadores culturais pelo fato de esse autor ser um dos grandes autores de obras regionalistas brasileiras.

Reunindo todas as informações obtidas nessas pesquisas, formulamos uma idéia inicial de que nosso verbete deveria conter: a entrada em português, seguida de informações gramaticais; uma ou mais acepções da lexia em questão, seguida(s) de sua(s) tradução(ões); exemplos retirados dos contextos das obras do CCM em português e em francês; para as lexias classificadas como pertencentes ao domínio ideológico ou para as que se referissem a contextos intrinsecamente relacionados à história brasileira, ainda haveriam informações enciclopédicas em português e traduzidas para o francês.

Partindo dessa idéia, realizamos algumas discussões com a orientadora, nas quais recebemos suas sugestões: além dos itens inclusos na idéia inicial de organização de verbete, deveríamos acrescentar (1) a transcrição fonética da entrada em português e de suas traduções em francês, tendo em vista a intenção de beneficiar francófonos e lusófonos a compreender as diferenças culturais Brasil-França; (2) a classificação por domínios culturais, pelo fato de ser este um dos nossos critérios de delimitação de marcadores culturais; (3) o uso de fotos ou ilustrações para lexias que envolvessem botânica, zoologia, além de lexias que se referissem a costumes ou ferramentas típicas das influências indígena e africana na cultura brasileira, com o intuito de facilitar a compreensão por meio de elementos visuais.

Durante a construção dos verbetes realizamos novas discussões com a orientadora sobre a funcionalidade do modelo escolhido e percebemos a necessidade de mais algumas alterações. Isso resultou no seguinte processo de organização de verbete:

1. A entrada deverá aparecer em português, devido ao nosso objeto de estudo ser a observação de traduções de marcadores culturais do português brasileiro.

---

<sup>32</sup> LIU, Y. Glossário Terminológico de Comércio Exterior Chinês/Português. (Dissertação de Mestrado). USP. São Paulo, 2006.

<sup>33</sup> A bolsista seguiu, na graduação, a disciplina de Introdução aos Estudos Tradutológicos, ministrada pelo Prof. Dr. Francis H. Aubert. Ao longo do curso, a bolsista manteve contato com o professor, pedindo-lhe sugestões em relação ao trabalho desenvolvido em sua IC.

2. A transcrição fonética em português aparecerá entre colchetes, de acordo com o alfabeto fonético internacional, para que seja compreensível por francófonos.
3. O plural irregular, de suma importância pelo fato de duas línguas não seguirem necessariamente o mesmo padrão morfológico, constará entre parênteses e em itálico, para o caso de lexias que contenham uma forma plural irregular.
4. A classificação gramatical virá abreviada segundo uma legenda pré-estabelecida, a ser incluída no início de nosso glossário (cf. Anexos - Glossário).
5. A classificação por domínios culturais também aparecerá abreviada segundo uma legenda pré-estabelecida no início do glossário.
6. Para cada acepção constará uma definição em português e uma em francês, de modo que francófonos e lusófonos possam entender o significado da lexia. As definições serão seguidas de seus possíveis sinônimos e remissivas.
7. Como referido acima, as informações enciclopédicas tornam-se importantes para os casos de contextos relacionados à história brasileira e às lexias classificadas como pertencentes ao domínio ideológico. Assim, é imprescindível colocarmos tais informações em português e em francês, para que pessoas ligadas às duas culturas possam compreender o sentido inerente à lexia em questão.
8. A tradução em francês será incluída juntamente com sua transcrição fonética, de modo que os lusófonos conheçam a(s) possibilidade(s) de pronúncia da lexia para a acepção referida.
9. Para que o leitor do glossário compreenda melhor o sentido da lexia, colocaremos exemplos das diferentes acepções e possibilidades de tradução nos dois idiomas dentro do contexto da obra em que aparecem, de modo que francófonos e lusófonos entendam o contexto a que uma determinada acepção de uma lexia ou a que uma dada tradução pode se aplicar.
10. Algumas traduções vêm acompanhadas de notas de fim de volume, como glossários. Para esses casos, reproduziremos também esta nota, logo após os exemplos nos contextos em francês.
11. Podemos apresentar também uma sugestão de tradução para casos em que o tradutor tenha omitido a tradução de algum trecho. Na tradução de Tereza Batista, por exemplo, há 17 (dezessete) capítulos que foram omitidos pela tradutora Alice Raillard. Os capítulos omitidos foram substituídos por um prefácio de Georges Raillard cujo conteúdo retoma o que a série de capítulos original apresenta. O romance começa de fato na tradução pela segunda série de capítulos (em português "A Menina que Sangrou o Capitão com a Faca de Cortar Carne Seca", em francês "La fillette qui saigna le capitão avec le couteau à couper la viande sèche"). Além disso, a autora termina sua tradução no capítulo de número 38 da série intitulada "A Noite em que Tereza Batista Dormiu com a Morte", o que nos revela a omissão de mais 77 capítulos ao final da obra (todo o trecho correspondente à série "A festa do casamento de Tereza Batista ou a Greve do Balaio Fechado na Bahia ou Tereza Batista descarrega a morte no mar"). Ao todo, há 94 capítulos omitidos na tradução. A sugestão de tradução ainda poderá ser necessária para os casos em que, por meio das consultas aos dicionários e discussões com a orientadora, percebermos diferenças de registro, como é o exemplo das traduções de *capiou* por *péquenot* e *croquant*, tendo em vista o sentido pejorativo que essas lexias possuem no francês e a ausência desses

sentidos nos trechos em que capia é encontrado no português. Na revisão final prévia à publicação do glossário, sugeriremos novas traduções para esses casos.

12. Para os casos de mais acepções para a lexia em questão, repetiremos os processos 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11.
13. Em alguns casos, como mostramos anteriormente, a última informação de nosso verbete será uma foto ou ilustração que represente a referência à qual remete a lexia em questão.
14. Logo abaixo da ilustração, acrescentaremos uma legenda com a referência da fonte ou autor da imagem e com uma curta explicação, tanto em português quanto em francês.

O quadro a seguir mostra a formatação escolhida para a organização do verbete:

<p><b>ENTRADA.</b> [transcrição fonética] (<i>Plural irregular – se houver</i>)</p>
<p><b>Acepção 1. <i>classificação gramatical / classificação por domínios culturais.</i></b></p> <p>Definição em português (Sinônimos) v. Remissiva Definição em francês. (Sinônimos) v. Remissiva</p> <p style="text-align: center;"><b>Tradução 1 em francês.</b> [transcrição fonética]</p> <p>Contexto em português Contexto traduzido para o francês * Nota de fim volume em <b>obra</b>: <i>Sugestão de tradução</i></p> <p>→ <i>Informação enciclopédica (quando necessário).</i> <i>Informação enciclopédica traduzida para o francês.</i></p>
<p><b>Acepção 2. <i>classificação gramatical / classificação por domínios culturais.</i></b></p> <p>Definição em português (Sinônimos) v. Remissiva Definição em francês. (Sinônimos) v. Remissiva</p> <p style="text-align: center;"><b>Tradução 2 em francês.</b> [transcrição fonética]</p> <p>Contexto em português Contexto traduzido para o francês * Nota de fim volume em <b>obra</b>: <i>Sugestão de tradução</i></p>

→ *Informação enciclopédica (quando necessário).*  
*Informação enciclopédica traduzida para o francês.*

**Ilustração  
(quando houver)**

Fonte:

Explicação da ilustração em português  
*Explicação da ilustração traduzida para o francês*

Quadro 1: Representação da estrutura dos verbetes de nosso glossário

Finalmente, aplicamos as lexias de nossa lista final de marcadores culturais à estrutura de verbete acima detalhada, de modo a obter nosso pequeno glossário de marcadores culturais (cf. Anexos - Glossário).

### **3.5.2 Resultados obtidos na oitava etapa**

Como resultados dessa etapa, construímos o produto final de nossa pesquisa, nosso glossário em versão inicial (cf. Anexos - Glossário). Devemos observar, ainda, o fato de que, posteriormente, pretendemos submetê-lo a publicação e disponibilizá-lo na *internet*. Para tanto, será necessário encontrarmos um (ou mais) site(s) hospedeiro(s), tais como o do CITRAT, o do DLM ou a própria Incubadora da FAPESP.

Antes de publicá-lo, porém, é importante ressaltar que, como se trata de uma versão inicial do glossário, revisaremos novamente todos os verbetes e passaremos pela revisão de um francês nativo e de um especialista em lexicografia. Nosso intuito é verificar a organização dos verbetes, os conteúdos em francês e, ainda, obter sugestões desses profissionais.

Também contam como resultados para essa etapa as seguintes atividades acadêmicas (cf. Anexos – Participações em eventos):

a) Participação como monitora da Primeira Jornada de Estudos Culiolianos “Noção e Domínio Nocional”, promovida pelo Grupo de Estudos sobre a Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli – GETOpE (CNPq), vinculado à Área de Francês do DLM/FFLCH/USP, em 04 de junho de 2008.

b) Apresentação de um painel no 56º Seminário do GEL com o título “A elaboração de um glossário bilíngüe de marcadores culturais (português-francês)”, em 17 de julho de 2008.

c) Submissão de um resumo para o 16º SIICUSP (Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP) sob o título de “Em busca de critérios de delimitação de marcadores culturais”.

d) Participação como ouvinte no Ciclo de Conferências sobre leitura em língua estrangeira, ministrado pelo Prof. Dr. Marc-Félix SOUCHON FAURE (Universidade de Franche-Comté, França) e promovido pela Área de Língua e Literatura Francesa (DLM/FFLCH/USP), nos dias 19 a 22 de agosto de 2008, com carga horária de dezesseis horas.

e) Participação como ouvinte do atelier "A utilização da canção em aula de língua estrangeira" ministrado pelo Prof. Bernard CORNELOUP (músico e professor da Université Lumière Lyon 2, França) e promovido pela Área de Língua e Literatura Francesa (DLM/FFLCH/USP), no dia 22 de agosto de 2008, com carga horária de quatro horas.

f) Submissão de resumo para o XXIe Congrès Annuel de l'Association Canadienne de Traductologie, em co-autoria com a orientadora, sob o título "Les relations culturelles dans la traduction de textes régionalistes brésiliens en français".

g) Submissão de resumo para a 3rd Conference of the International Association for Translation and Intercultural Studies, em co-autoria com a orientadora, sob o título "The translation of cultural markers: strategies, referentiality and functions".

### **3.5.3 Eventuais alterações**

Não ocorreram alterações durante a realização desta etapa.

### **3.5.4 Eventuais dificuldades surgidas ou esperadas**

As poucas dificuldades encontradas durante a escolha de um modelo de organização de verbete, foram sanadas com a ajuda do Prof. Dr. Francis H. Aubert e da orientadora. Eventuais dúvidas quanto a elaboração de definições e escolha de exemplos foram resolvidas por meio de nossa pesquisa inicial em obras lexicológicas e lexicográficas sobre organização de dicionários e pela ajuda da orientadora.

O que mais nos gerou dúvidas, porém, foi a classificação em domínios culturais, pois há várias lexias que se encontram em domínios híbridos, ou seja, lexias que podem ser classificadas como pertencentes a mais de um domínio. Optamos, por enquanto, em classificar a lexia de acordo com o domínio mais perceptível. Um exemplo interessante é o caso de *muiraquitã*, que nos despertou a dúvida se pertencia ao domínio material ou ao ideológico, já que é um objeto (nesse caso, seria material) com um valor ideológico bastante marcado, por ser uma espécie de amuleto e remeter à crença daquele que o tem (isso a colocaria no âmbito do domínio ideológico): a classificação escolhida em nossa versão inicial do glossário coloca, assim, *muiraquitã* como pertencente ao domínio material, pelo fato de que, antes de ser um instrumento que remeta a uma crença específica, é um objeto.

## **4. Plano de trabalho e cronograma para as etapas seguintes**

Não há um plano de trabalho, pelo fato de ser este o relatório final da pesquisa.

## 5. Considerações finais

Senti um grande crescimento profissional com a realização da iniciação científica. Aprendi os passos principais para a realização de uma pesquisa, desde a elaboração do projeto, até o desenvolvimento e as diferentes formas de divulgação que ela pressupõe. Além disso, é notável o progresso que percebi em relação à minha escrita tanto do português como do francês, o que trouxe diversos benefícios também ao longo dos cursos que frequentei, durante esse período, na graduação. É importante ressaltar, ainda, que adquiri alguns conhecimentos bastante importantes relacionados às teorias ligadas ao meu projeto, tais como a tradução, a lexicologia, a lexicografia, a lingüística de corpus, a antropologia e os estudos culturais, pelos quais passei a ter um forte interesse e me motivei a estudá-los mais a fundo.

Finalmente, gostaria de agradecer o apoio dado pela FAPESP, pelo Projeto *COMET-USP*, coordenado pela Profa. Dra. Stella E. O. Tagnin, à qual também sou grata. Além disso, é indispensável agradecer às sugestões dadas pelo Prof. Dr. Francis H. Aubert e por alguns de meus colegas da graduação. Julgo importante o agradecimento às críticas e sugestões recebidas do parecerista no relatório anterior e das pessoas que se interessaram por meu trabalho nos eventos em que apresentei os resultados de minha pesquisa, pois me incentivaram a pensar e a refletir ainda mais sobre ela. Finalmente agradeço, de forma especial, à minha orientadora, a quem dedico a realização de meu projeto, por todo o apoio dado, pela sua dedicação e competência como orientadora, pesquisadora e professora.

---

SÃO PAULO, 02 DE OUTUBRO DE 2008.

ORIENTADORA:

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Adriana Zavaglia

BOLSISTA DE IC:

\_\_\_\_\_  
Carolina Fernandes Madruga